

JOSÉ MADUREIRA



David Byrne outra vez

P

ortugal não fica muito longe da casa de David Byrne, em Nova Iorque. "Talvez a seis ou sete quarteirões" existe a Casa Oliveira, onde Byrne passou para comprar umas garrafas de vinho verde para um jantar com um amigo, pouco antes de escrever a introdução de "David Byrne", uma biografia autorizada, escrita por José Manuel Simões, editada pela Europa-América. "E alguns quarteirões mais à frente fica o restaurante português Pão e o Fado Club é logo ali ao virar a esquina", continua o músico escocês, agora com 45 anos e que se prepara para dois concertos em Portugal: hoje no Coliseu do Porto e amanhã no Coliseu dos Recreios, em Lisboa, dois palcos onde já actuou.

Para David Byrne, há em Portugal "uma sensação de possibilidade, um sentimento de que as coisas podem e irão existir, apesar de, às vezes, serem demasiado difíceis. Existe um sentimento de que, apesar de algumas coisas inacreditáveis terem sido feitas, ainda vai acontecer muita coisa. E talvez o melhor ainda esteja para vir". Um país que, entende, é europeu mas também africano: "O fado passará a 'funky', novas palavras entrarão no léxico e novas religiões irão espalhar-se e proliferar, se já não o fizeram. Irá ser um tempo difícil, tal como é a adolescência, para aqueles que são tradicionalistas e conservadores. E talvez possa emergir uma nova cultura. Uma cultura que será o melhor de todos os variados ingredientes que fazem parte do guisado."

A sua editora — Luaka Bop — prepara o lançamento de uma obra de Waldemar Bastos, mas nomes como Paulo Bragança, Cesária Évora, José Afonso, Madredeus ou Bonga não lhe são desconhecidos. Conheceu o produtor de cinema Paulo Branco num restaurante em Berlim, já guiou jornalistas ingleses pelo Porto e voltou ao Bairro Alto para uma exposição fotográfica e um documentário da sua autoria. Byrne está longe de ser um músico distante, que passa por Portugal apenas para cumprir agenda de "tournee": "Encontrei uma linda melancolia na arte e na música portuguesa e na das suas ex-colónias. Uma doce e amarga dor que inspira e sobre a qual se dança. Uma maneira de usar beleza e sensualidade para absorver e desintegrar a tristeza. Na comida, no ar, na música, na conversa, na arte."

Abre José Manuel Simões, jornalista do "Jornal de Notícias" e professor na Escola Superior de Jornalismo no Porto, o livro com um capítulo intitulado "Poema Sobre a Morte", recorrendo a "The Forest" "pela ousadia, pelo desconhecimento público, pela compreensão dos nossos ancestrais através de si mesmo". "Psycho Killer", escrito em 1973, terá sido o início dessa busca de origens: "Tenho andado a mergulhar no inconsciente do histórico (histórico?) da mente europeia, na esperança de vir a descobrir de que tipo de animal é que estamos a evoluir. A música diz-nos este género de coisas, sobre a forma de sonho, que nós, na maioria dos casos, não compreendemos. Pelo menos, não com as nossas mentes acordadas", interpreta Byrne.

No capítulo seguinte — "O alquimista da era pós-moderna" — sugere o percurso (não meramente discográfico) do músico, um vaga-

bundo por artes e culturas latinas, do começo, com os Talking Heads — "são uma banda de músicos brancos, espertos e conscientes que parecem motivados pelo espírito e pelos ritmos da música negra", escrevia a "Rolling Stone Encyclopedia of Rock n'Roll" há mais de vinte anos — ao Byrne a solo, ou em parceria com outros clássicos da cena musical.

ETNO E WORLD MUSIC

A primeira incursão de Byrne pela música étnica, segundo José Manuel Simões, aparece com "My Life in the Bush of Ghosts", "onde o colorido dos trópicos se torna fantasmático na sua própria essência. As palavras e os sons são deslocados do seu contexto original, como se se tratasse de um 'never ending story', em que o actor principal se liberta do jugo da consciência". A "world music" surgiria em "Naked", "feito de uma maneira inédita, rompendo com o isolacionismo americano e inclui, pela primeira vez, músicos internacionais, nativos de outras culturas que não a americana".

A partir do final dos anos oitenta, a banda vai-se desmoronando, cada um por si, desenvolvendo projectos a solo. Byrne passou a justificar a posição de "front man" que tinha

mantido, sendo o que mais projecção ganhou. A sua originalidade ganharia nova consistência e a criação foi-se tornando renovadamente alucinante: "Todos nós temos estilos musicais e pontos de referência flutuando nas nossas cabeças. Absorvemos coisas que ouvimos numa ou noutra altura, por vezes subtilmente, como um sentimento numa parte melódica de uma frase, por vezes na forma de toda a canção. Há corte e colagem que ocorre ao nível do subconsciente e que parece perfeitamente normal. Parece mesmo a coisa mais natural do mundo", explica o músico. O resultado é "uma visão esquizofrénica do que se passa dentro da minha cabeça...".

Aos cinco anos, David Byrne foi viver para Baltimore, EUA, com os pais. Pouco mais tarde formaria uma banda de garagem, The Revelations, tocando "covers" dos Kinks aos Motown. Aos quinze anos, frequenta o College of Art do Marylan Institut e converte-se em "folksinger". Por essa altura, faz um duo com o seu amigo Mark Kehoe, acordeonista. Byrne tocava guitarra e ukulelé. Bizadi chamava-se o duo.

Em 1973, surgem os Artistics at R.I.S.D., com David Byrne, Tina Weimouth, que aprendia baixo ao som de Suzy Quatro, o seu namorado, o baterista Chris Frantz, e, só mais tarde, o guitarrista Jerry Harrison. Dois anos depois,

David Byrne chega a Portugal aos 45 anos, continuamente renovados pela vanguarda na criação, pela música híbrida do mundo inteiro, e, por fim, pelo remate no delírio da comunicação. Assim confirma José Manuel Simões, que acaba de lançar uma biografia autorizada do músico escocês. Quanto a Byrne, a expectativa está colocada no topo para a sua actuação esta noite no Coliseu do Porto e amanhã no Coliseu dos Recreios, em Lisboa. Ambos, esgotados.

Henrique Botequilha

seriam os Talking Heads. "Viviam juntos num pequeno e modesto apartamento (...) onde dormiam e ensaiavam. Não tinham água quente nem chuveiro e, durante longos meses, praticamente só comiam massa com queijo ralado." O primeiro concerto foi no CGB, em Nova Iorque, na primeira parte dos Ramones, e a imprensa descreveu o grupo como sendo "sóbrio, 'yuppie' e minimalista". A editora Sire propôs um contrato, mas recusaram. Seria Lou Reed a descobri-los e a gravar uma maqueta. Em Outubro de 1975, registaram então o primeiro álbum para a Sire e seguiram logo viagem para a Europa, para fazer a primeira parte da "tournee" dos Ramones. "Psycho Killer" entraria logo para o top 100 dos EUA.

A banda não mais parou rumo a novos e inquietantes trabalhos, com uma "fértil colaboração" com Brian Eno, a partir de 1978. A repartição das verbas dos direitos de autor encarregar-se-ia de começar a separar o grupo, a partir de "Remains in Light". As divisões acentuaram-se com a digressão seguinte e foram imparáveis até à ruptura definitiva. Byrne avançou a "full-time" para uma carreira a solo que já vinha desenvolvendo: "Rei Momo", "The Forest", "Uh-Oh", "David Byrne" e "Feelings" são os cinco álbuns que Byrne concebeu a partir do fim da banda e que revisitará nos concertos em Portugal.

LOTACÃO ESGOTADA

A lotação esgotou nos coliseus de Lisboa e do Porto para ver os concertos da "tournee" "Feelings", que o público português já teve oportunidade de ver, na primeira parte da digressão, durante as últimas festas da cidade de Lisboa. "Making Flippy Floppy", "Buck Naked", "Miss America", "I Zimbra", "Dance on Vaseline", "Soft Seduction", "Psycho Killer", "Fuzzy Freaky", "Back in the Box", "Daddy Go Down", "Once in a Life Time", "Gates of Paradise", "Road to Nowhere" e "Take Me to the River" são alguns dos temas alinhados para os espectáculos, antecedidos por actuações de Jim White. ■